

DISCURSOS SOBRE A ROMANTIZAÇÃO DA POBREZA NO *TWITTER*

Hellen Karoline dos Santos Sales Rodrigues¹

Francisco Vieira da Silva²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal analisar a construção de discursos que romantizam a pobreza no *Twitter*. O aporte teórico se apoia nos estudos de Michel Foucault (2005; 2008; 2012; 2015) acerca do discurso e dos procedimentos que o envolvem, além das contribuições de Barboza, Leite e Souza (2021), Guilherme e Reis (2020) sobre a romantização da pobreza e os impactos da desigualdade social. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa classifica-se como descritivo-interpretativa, cuja abordagem segue um viés qualitativo. O *corpus* da pesquisa é formado por seis publicações que circularam no *Twitter* e assinalam a romantização da pobreza. As análises permitem observar que os discursos que romantizam a pobreza tendem a apagar as desigualdades sociais existentes, tendo em vista que os tweets analisados utilizam estratégias discursivas que revelam posicionamentos que tendem a fantasiar a realidade de carência que uma parcela da população vive.

Palavras-Chaves: Discurso. Romantização da pobreza. Desigualdade social. *Twitter*.

ABSTRACT

The main objective of this article is to analyze the construction of discourses that romanticize poverty on Twitter. The theoretical framework is based on Michel Foucault's studies (2005; 2008; 2012; 2015) on discourse and its related procedures, as well as the contributions of Barboza, Leite, and Souza (2021), Guilherme and Reis (2020) on the romanticization of poverty and the impacts of social inequality. Methodologically, the research is classified as descriptive-interpretive, with a qualitative approach. The research corpus is composed of six publications that circulated on Twitter and signal the romanticization of poverty. The analyses allow us to observe that discourses that romanticize poverty tend to erase existing social inequalities, given that the analyzed tweets use discursive strategies that reveal positions that tend to fantasize about the reality of deprivation that a portion of the population lives in.

Keywords: Romanticization of Poverty. Discourse. *Twitter*. Social Inequality.

¹ Graduanda em Letras/Português pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus Caraúbas. E-mail: hellen.rodrigues@alunos.ufersa.edu.br

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente do Departamento de Linguagens e Ciências Humanas (DLCH) da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus Caraúbas. Email: francisco.vieiras@ufersa.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

A escritora Carolina Maria de Jesus anotou em seu diário: "O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças." (JESUS, 2014, p. 25). Este diário foi publicado em 1960 e, mesmo depois de tanto tempo, a realidade descrita naquela época não é diferente dos dias atuais. A escritora, ao sofrer com a desigualdade social, relata em sua obra a cruel realidade brasileira e menciona que o país deveria ser governado por alguém que conhecesse a pobreza, porque somente assim haveria um olhar direcionado para os mais vulneráveis.

É importante compreender e discutir como a sociedade enxerga a pobreza e analisar como ocorre o processo de romantização, tendo em vista que a pobreza tem o seu conceito vinculado a uma situação social e econômica, caracterizada pela carência e privação das necessidades básicas (FONSECA *et al.*, 2021).

Partindo do exposto, o presente artigo analisa como ocorre o fenômeno da romantização da pobreza, em discursos encontrados no *Twitter*. Diante dessa problemática existente na sociedade brasileira, focalizamos como se produzem discursos, cujos posicionamentos defendem que a pobreza não é um problema grave, sendo algo da ordem apenas do indivíduo e não uma chaga coletiva.

Para tanto, é impossível esquecer que o Brasil foi erguido em um sistema escravocrata, por isso essa naturalização enraizada da pobreza, a problemática existe e é notório que é mais fácil romantizar as dificuldades do que efetuar medidas cabíveis para exterminá-la. O Brasil ainda ocupa uma das posições mais desiguais do mundo e essa desigualdade social expõe um distanciamento gigantesco entre os mais ricos e os mais pobres. Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) dão conta de que entre os anos de 2020 e 2021, durante a pandemia de covid-19, houve um aumento de 48,2% das pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza.

Romantizar a pobreza, destituindo a dimensão mais cruel desse problema, afeta como os sujeitos veem a realidade das pessoas que passam por situações desumanas. Baseando-se nessa perspectiva e visando entender como a sociedade tem tratado desse assunto delicado, a pesquisa toma como objeto de estudo os discursos que circulam em publicações encontradas no *Twitter*, discursos que permeiam nosso cotidiano.

Sabemos que a *internet* está na palma da mão e, com o avanço da tecnologia, notícias percorrem o mundo inteiro em segundos. Com essa constante transformação, é possível receber informações a todo momento, e a informação move a sociedade, o indivíduo pode se

comunicar com alguém muito distante, realizar tarefas burocráticas, compartilhar notícias, mas com essa propagação exacerbada nascem também questionamentos, pois é importante saber como publicações desse viés chegam as pessoas e quais os impactos, entender quem publica, sobre o quê, como e para quem.

Justifica-se a realização dessa pesquisa para buscar compreender os impactos dos discursos que romantizam a pobreza, havendo uma concordância que as mídias digitais são ferramentas da atualidade importantes para a propagação de informações, ressaltando que essa ferramenta tem seus impactos, sobretudo nos discursos que romantizam a pobreza, no lugar de se posicionar trazendo conscientização do quão é prejudicial para a sociedade ter uma visão enviesada dessa realidade sofrida e desumana.

O presente artigo se organiza pelas seguintes seções: o item 1 traz as considerações iniciais deste trabalho, o item 2 discute as concepções sobre discurso e poder em Foucault, o item 3 aborda a romantização da pobreza e o neoliberalismo, no item 4, tem-se a metodologia da pesquisa, o item 5 é composto da análise do corpus, e por fim, o item 6 contempla as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para fundamentar a pesquisa, tomamos como aporte teórico as reflexões do filósofo Michel Foucault, autor que tem como centro das suas discussões as problemáticas do discurso, do saber e do poder. Em consonância, busca-se analisar os discursos que romantizam a vulnerabilidade das pessoas que se encontram na pobreza nas publicações do *Twitter*.

2.1 Compreendendo o discurso e o poder em Foucault

Michel Foucault estudou variados campos do saber, entre eles, destaca-se o discurso sendo um conjunto de enunciados e o poder que vigora através dos discursos, resultando em sua análise no campo discursivo. Na voz do autor francês,

[...] trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar [...]. (FOUCAULT, 2008, p. 31).

Vale ressaltar que Foucault (2008) não trata os discursos como um conjunto de signos, mas pontua que “[...] certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 2008, p. 55). O autor reflete para além dos signos e é esse “mais” que deve ser analisado e discutido sobre o que está nos enunciados.

Quando se refere aos enunciados, Foucault (2008, p. 112) afirma que “[...] não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo [...]”. Sustenta-se, assim, que os discursos não são neutros e que os discursos recuperam outros, determinado enunciado quando exposto estará remetendo a enunciados passados, isto é, firma-se em outros enunciados.

No livro *Ordem do discurso*, Foucault (2012) questiona sobre qual seria o perigo se as pessoas falassem e os seus discursos fossem compartilhados indefinidamente, tendo em vista que, os discursos são selecionados antes de serem produzidos na sociedade, pois todo discurso tem seu peso e pode causar diferentes efeitos. E, por conta disso, é possível mencionar o procedimento de exclusão, por meio do qual “não se pode falar de tudo em qualquer circunstância” (FOUCAULT, 2012, p. 9).

Os procedimentos de Foucault (2012) que embasam essa pesquisa buscam questionar nossa vontade de verdade, restituir ao discurso seu caráter de acontecimento e suspender, enfim, a soberania do significante. É elementar destacar os três tipos que caracterizam a interdição, a saber: o tabu do objeto, o ritual da circunstância, e o direito privilegiado. O tabu do objeto está ligado ao que se pode ou não falar e o autor traz como exemplos a sexualidade, a política e a religião, os quais geram certas zonas onde as grades são mais cerradas. O ritual “[...] define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam” (FOUCAULT, 2012, p. 39). O direito do privilegiado é quando o sujeito é autorizado a falar de determinado assunto, sendo especialista na área, assim o discurso é exclusivo de quem fala.

Outro princípio de exclusão consiste na separação e rejeição, concebido como resultado de um discurso que produz uma divisão quando se analisa se o mesmo é verdadeiro ou falso. Sendo visto como falso, é submetido a rejeição e o discurso verdadeiro desperta o efeito de aceitação, porém, o discurso verdadeiro, às vezes, é mascarado. Esse princípio ainda define quem pode falar de determinados assuntos, quer dizer, quem tem o direito privilegiado de ter o seu discurso reconhecido.

Há também, os procedimentos internos que, segundo Foucault (2012), exercem um controle endógeno sobre o próprio discurso, a saber: procedimentos que funcionam, sobretudo, a título de princípios de classificação, de ordenação, de distribuição, como se se tratasse, desta vez, de submeter outra dimensão do discurso: a do acontecimento e do acaso.

O comentário é um dos procedimentos internos que impulsiona a propagação dos discursos, pois textos muito densos, muitas vezes, são compartilhados porque pessoas o leram e compartilharam o que estava na sua essência ou até expandindo o discurso, criando e implementando ideias. E o segundo procedimento interno é o autor, a função que delimita o discurso a partir de uma instância de ordem institucional. Saber quem escreveu é primordial para entender o discurso, por isso se torna um procedimento importante que auxilia a análise.

É preciso também entender a noção de poder, Foucault não acreditava que o poder tinha apenas uma única forma e também contrariava a ideia de que o poder seria sempre o mesmo:

Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. (FOUCAULT, 2015, p. 88)

Ou seja, de acordo com Foucault (2015), o poder é tratado como prática social e tem formas diferentes que estão sempre em transformação. Mas, isso não exclui o poder como uma ação sobre ações dos outros, isso é, o poder está baseado nas ações que um grupo ou indivíduo exerce sobre o outro. Entende-se, assim, as relações de poder que existem na sociedade, por exemplo, na religião, nas classes sociais, na sexualidade, nas hierarquias estabelecidas historicamente, entre outros.

A análise foucaultiana é situada, em nosso entendimento, em dois contextos; o antes e o pós-revolução industrial. No período que antecede a industrialização, por volta do século XVIII, o poder, no sentido mais absoluto da palavra, estava centralizado e entregue às mãos dos Reis. As monarquias eram os regimes de maior predominância no mundo e os monarcas eram quem ditavam as ações em suas áreas dominadas. Foucault (2005) desenvolve sua concepção de poder começando por essa conjuntura, em que a soberania exerce sua força deixando ou fazendo os sujeitos morrerem.

Aquém, portanto, do grande poder absoluto, dramático, sombrio que era o poder da soberania, e que consistia em poder fazer morrer, eis que aparece agora, com essa tecnologia do biopoder, com essa tecnologia do poder sobre a "população" enquanto tal, sobre o homem enquanto ser vivo, um poder contínuo, científico, que é o poder de "fazer viver". A soberania fazia morrer e deixava viver. E eis que agora aparece um poder que eu chamaria de regulamentação e que consiste, ao contrário, em fazer viver e em deixar morrer. (FOUCAULT, 2005, p. 294)

Ademais, Michel Foucault não tenta elaborar uma teoria geral sobre o poder propriamente dito, em meio as suas obras ele reflete como essas relações de poder acontecem em diferentes âmbitos. Não exclui o poder do Estado, só reflete que o Estado poderia ser mais eficiente em organizar essas relações de poder, pois, diversas relações de poder se encontram em nossas interações sociais.

2.2 Problematicando a romantização da pobreza

Em consonância com as ideias de Foucault, a pesquisa se baseia em publicações do *Twitter* que romantizam a pobreza e impactam em ideias e opiniões sobre esse tema delicado, que é a pobreza. A sociedade tende a fantasiar situações de extrema pobreza e a sócio-vulnerabilidade é um tema que merece atenção e não uma idealização, a realidade existe e muitas vezes é atenuada em notícias, publicações, matérias etc, visando distorcer a visão do que acontece com essas pessoas que vivem em situação carente.

Sobre isso, Sousa (2020, p. 35) destaca que:

Os enunciados que circularam nos últimos anos nos colocam diante de problemas que podem ser refletidos com base em formulações que podem assim ser agrupadas: a existência de um corpo pobre construída e delimitada pelo outro do discurso, que é um não pobre; a existência de um corpo pobre desconstruída e deslocada pelo discurso do mesmo, um pobre que se coloca como não pobre; e a existência de um corpo pobre construída e atribuída, por não pobres e pobres, a um não pobre, mas que será objetivado como um corpo pobre por defender a justiça e as políticas sociais. Mas isso é apenas uma superfície corriqueira no plano do senso comum que pretendo problematizar.

Em consideração a isso, é possível afirmar que a desigualdade social permeia a sociedade há muito tempo. As classes sociais mais abastadas determinam como o país é regido, mesmo sabendo que a maior parte da população brasileira se encontra em situação de pobreza. Assim, isso não parece ser um problema para a classe alta, nem para os governantes, é algo naturalizado saber que a maioria não tem direito a alimentação, saúde, saneamento básico, moradia, o mínimo para o ser humano viver.

No Art. 2º da Lei nº 11.346 (BRASIL, 2006) diz-se que “a alimentação adequada é direito fundamental do ser humano, inerente à dignidade da pessoa humana e indispensável à

realização dos direitos consagrados na Constituição Federal, devendo o poder público adotar as políticas e ações que se façam necessárias para promover e garantir a segurança alimentar e nutricional da população.” Isto é, a Constituição Federal determina que todo cidadão tem direito de ter acesso a alimentação regular e permanente de qualidade, é um dever do poder público promover que o sistema assegure esse direito, e na realidade não é isso o que acontece, cidadãos brasileiros não têm acesso a comida regularmente e com qualidade como deveriam ter.

Essa temática deveria ter mais espaço para discussões, mas como quem passa é quem não tem acesso ao básico, ocasiona que, quem tem o lugar de falar, na maioria das vezes, não tem visibilidade para ser ouvido, não tem a oportunidade de contar sua própria realidade, e quando dão voz, às vezes, criam uma visão distorcida dessa realidade.

Pensar em processos que ocasionam desigualdade social, exclusão de grupos ou indivíduos, seja por sua condição econômica, seja por sua filiação étnica, criminalização da pobreza ou marginalização de determinadas práticas, deveriam ser amplamente discutidos, a fim de promover a equidade de direitos para o pleno exercício da cidadania. (BARBOZA, LEITE; SOUZA, 2021 p.145).

Ressaltamos também que as condições de vida de um determinado grupo têm ligação direta com as políticas de Estado empregadas para aquela sociedade. Uma das vertentes do capitalismo, sistema econômico de maior predominância no mundo, é o neoliberalismo. Esse sistema tem como foco principal o estímulo ao desenvolvimento econômico, pregando que quanto menor for a interferência do Estado no mercado, maior será o crescimento das riquezas daquele lugar. Entretanto, acaba propiciando um cenário de abandono a políticas sociais, que são de suma importância para a manutenção das necessidades básicas da população. Nesse viés, a pobreza vem se tornando um subproduto desse conceito de livre mercado.

E, apesar de Dardot e Laval (2016, p. 16), argumentarem sobre o neoliberalismo, citando “A resposta não é e não pode ser limitada apenas aos aspectos “negativos” das políticas neoliberais, isto é, a destruição programada das regulamentações e das instituições.” eles também afirmam que:

O neoliberalismo define certa norma de vida nas sociedades ocidentais e, para além dela, em todas as que as seguem no caminho da "modernidade". Essa norma impõe a cada um de nós que vivamos num universo de competição generalizada, intima os assalariados e as populações a entrar em luta econômica uns contra os outros, ordena as relações sociais segundo o modelo do mercado, obriga a justificar desigualdades cada vez mais profundas, muda até o indivíduo, que é instado a conceber a si mesmo e a comportar-se como uma empresa. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 16)

Isto é, nota-se, que o sistema neoliberal acaba definindo uma norma de vida que impõe uma competição entre as pessoas. Nesse sentido, visa-se nesse artigo um olhar mais aprofundado para essas pessoas que estão diante dessa luta econômica e que estão à margem da sociedade sendo impactadas com esse estímulo ao desenvolvimento econômico. Quando há abandono das políticas sociais resulta em mais impactos negativos para a população que vive em extrema pobreza. Guilherme e Reis (2020) reafirmam a importância dessa discussão de como as políticas públicas, quando afetada, resultam na desigualdade social:

[...] reitera-se que a questão social se cria e se recria como produto historicamente determinado pelo modo de produção capitalista na sua relação antagônica com o trabalho. Daí a importância de se impulsionar permanentemente processos de resistências da classe trabalhadora, no sentido de se criar estratégias coletivas de enfrentamento da questão social, representada pela pobreza e extrema pobreza, em vista de uma sociedade cujas bases se estruturam nos princípios da emancipação humana.(GUILHERME; DOS REIS, 2020, p 86).

Partindo dessas premissas, é importante entender e analisar os discursos que romantizam a realidade desses indivíduos, podendo manipular quem consome o conteúdo, o assunto precisa ser discutido para conscientização da realidade. Os discursos presentes nas mídias digitais têm seus impactos, os enunciados analisados descrevem a dificuldade com leveza, porém, a desigualdade social não deve ser fantasiada, precisa-se de espaços que apoiem essas discussões. Todos da sociedade devem ter acesso ao básico, como alimentação, moradia, saúde, educação, lazer, entre outros, e o poder público deve garantir esses direitos promovendo políticas públicas.

3 METODOLOGIA

Essa pesquisa classifica-se como descritivo-interpretativa, pois busca descrever e interpretar os discursos sobre a romantização da pobreza no *Twitter*. Além disso, trata-se de um estudo prioritariamente qualitativo, pois importa pensar na existência do fenômeno em foco, sem lançar mão de variáveis estatísticas e dados quantitativos. Segundo Minayo, Deslandes e Gomes (2007, p. 21), a pesquisa qualitativa tem questões particulares:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, trabalha no universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. [...] o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que se faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

A pesquisa qualitativa busca compreender os fenômenos particulares apoiados nas vivências e realidades da perspectiva do corpus analisado, visando delimitar e investigar os fenômenos que estão em foco na pesquisa.

O *corpus* do estudo, a princípio, foi formado por vinte e cinco publicações que envolviam a temática, mas, para delimitar, foram selecionados seis *tweets*. A seleção pelo *Twitter* como o universo do estudo ocorreu por ser uma rede social que permite o compartilhamento de conteúdos diversos, é utilizada para conseguir informações rápidas e em tempo real.

Os critérios de escolha das materialidades discursivas foram as seguintes: a) que tivessem sido publicadas a partir de 2020, ano que marca o advento da covid-19 e, com isso, o aumento da situação de pessoas em extrema pobreza no Brasil; b) que pudessem expressar posicionamentos variados acerca do fenômeno da romantização da pobreza. Portanto, dos seis *tweets*, três foram retirados de perfis de notícias, dos perfis *@JornalOGlobo*, *@POPTIME* e *@Terra*, ambos são páginas de notícias, informações e curiosidades da atualidade. Um *tweet* foi retirado do perfil *Coletivo em Defesa da Vida*, no qual, publicam críticas sobre o cenário da saúde no Brasil e atualidades. E dois *tweets* são de usuários que utilizam a rede social no dia a dia.

4 ANÁLISE DAS POSTAGENS DO TWITTER

O *corpus* da pesquisa é constituído por seis *tweets*, para organização da análise o primeiro *tweet* é representado por Postagem 1, o segundo *tweet* por Postagem 2 e, assim, sucessivamente.

A Postagem 1 e Postagem 2 foram publicadas entre maio e fevereiro de 2021, ano em que estávamos em meio a pandemia de covid-19. Ambas apresentam um *print* de uma matéria de jornais os quais publicam notícias que romantizam situações que deviam ser vistas com extrema vulnerabilidade.

Na Postagem 1, um usuário do *Twitter* comenta uma notícia do jornal Folha de S. Paulo. no enunciado há uma imagem com barracos de pessoas que estavam desabrigadas por motivo de desemprego e falta de estrutura financeira, a imagem mostra plantas em frente aos barracos e, de alguma forma, exibe uma cena organizada, na qual não parece ser um local sujo e sem proteção, como é na realidade de quem mora em barracos improvisados.

Figura 1: Postagem 1



Fonte: *Twitter* (2021).

O enunciado exposto na notícia é “*Visual diferente*” e esse recorte do discurso reverbera como se fosse algo novo e positivo. Destacamos nesse enunciado, o seguinte: “Pandemia e pobreza transformam São Paulo em cidades das tendas; sem emprego nem casa, pessoas passam a morar em barracos.” O discurso continua gerando o efeito na matéria não como uma problematização, mas como um acontecimento que acarretou em uma transformação das ruas da cidade de São Paulo, mesmo quando é citado “sem emprego nem casa” não traz um tom de problema e, sim, de aceitação da pobreza. Teodoro (2017, p.14) afirma que “a pobreza não é romântica, não é apazível, não é desejada. Ou será que alguém possui como projeto de vida ser pobre? A pobreza é compulsória, é arbitrada por uma ordem social perversa, silenciosamente consentida.” Diante dessa afirmação é visto que o discurso “*Visual diferente*” exposto na Postagem 1 romantiza a questão das pessoas viverem em tendas, sendo que a questão principal da notícia seria o desemprego e a falta de locais seguros para viver .

Figura 2: Postagem 2

A romantização da pobreza estampada no jornal. 📰 Sim, dava pra fazer diferente... com outro olhar e outra narrativa sobre a realidade da mesma família.



Fonte: *Twitter* (2021).

A Postagem 2 apresenta a fotografia de uma mulher e duas crianças (as três de máscara, representando uma tentativa de se proteger da covid) varrendo e apanhando o lixo da calçada e por trás há um barraco. Além disso, é possível perceber uma colcha no chão na tentativa de substituir um colchão, uma toalha secando por cima do barraco e garrafas secas. O enunciado em destaque é “Cuidado de mãe e filhas com calçada no Centro do Rio chama atenção: ‘Tudo limpinho para elas’”, a realidade dessa família não entra em destaque pela matéria, o ponto central se fixa em como é interessante o fato delas estarem limpando a calçada, em nenhum momento se volta para se pensar que elas não têm proteção alguma, nem da chuva, ventanias, ou do frio.

O enunciado da Postagem 2 é o seguinte: Família vive na rua enquanto tenta terminar de construir casa em comunidade de Copacabana ainda sem janelas e porta: ‘Se dá um tiroteio, não tem como se proteger’. O enunciado também destaca o perigo da ocorrência de um tiroteio e falta de um local seguro para ficar, mas a problemática só é citada no subtítulo, e continua sem denotar total repúdio sobre a situação que ocorre com a família, mesmo o meio midiático tentando abordar a neutralidade, entretanto, Foucault afirma que “[...] não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 112). E no discurso é revelado que há uma certa beleza, pois, mesmo a família correndo o risco de estar em um tiroteio sem abrigo, elas prezam pela limpeza da rua, como se a situação fosse em alguma instâncias vista como algo belo. O simples é visto como belo.

Figura 3: Postagem 3



Fonte: *Twitter* (2022).

Na Postagem 3, a página Jornal O Globo publica o seguinte *tweet* e na legenda destaca-se: “Não há no país quem tenha passado ileso à alta dos alimentos nos últimos meses.”. Começa citando que houve aumento nos alimentos e brasileiro sentiu no bolso, ainda pontuam “A pesquisa “Efeitos da pandemia na alimentação e na situação da segurança alimentar no Brasil” mostrou que durante a crise sanitária de covid-19, a população reduziu os alimentos saudáveis[...]”. Explica-se que, com a pandemia, as pessoas passaram a comer alimentos não saudáveis, e pontua “O ovo foi o alimento que sofreu a menor redução (18%) e o maior aumento no consumo (17,8%) durante a pandemia.” A publicação mostra dados do aumento do preço dos alimentos e da queda do consumo dos que estão mais caros, e quer “ajudar” as pessoas que não têm como comprar esses alimentos a substituírem por outros que são baratos.

No enunciado da Postagem 3 é exposto uma imagem com cores vivas, com vários legumes, frutas e verduras com um brilho que ilustra como pode ser saboroso, o título é “Tomate por caqui, bife por ovo: como substituir sete alimentos caros sem perder o valor nutricional”, fica evidente que a emergência não é a alta dos alimentos, mas de que as pessoas devem procurar uma forma de substituir o ovo pela carne, por exemplo. O enunciado traz a seguinte colocação: “*como substituir sete alimentos caros sem perder o valor nutricional*”, isto é, há uma persuasão em fazer com que o leitor pense nas possibilidades de pratos que podem ser substituídos mesmo com a alta dos preços, não perdendo o valor nutricional,

mesmo que com a crise as pessoas não tenham dinheiro para comprar bife ou o tomate, como há no discurso da Postagem 3.

Vale frisar que na Postagem 1, Postagem 2, e Postagem 3, é citado o momento pandêmico que a sociedade passou e que acabou afetando ainda mais a pobreza no Brasil, tendo em vista que os pobres sentiram mais os impactos econômicos que a pandemia causou. Barboza, Leite e Souza (2021, p. 139) afirmam que “Em um estudo recente e nacional sobre a Insegurança Alimentar no contexto da Pandemia do COVID 19, foram visitados, durante o mês de dezembro de 2020, 2180 domicílios em todas as regiões do Brasil.” E o resultado desse estudo comprovou que 55,2% dos entrevistados se encontravam em situação de Insegurança Alimentar (IA).

Figura 4: Postagem 4



Fonte: *Twitter* (2023).

Na Postagem 4, o *tweet* publicado é um vídeo, que viralizou no *Twitter* e foi compartilhado milhares de vezes, como podemos notar na figura 4, na parte inferior consta 7,5 milhões de visualizações. O vídeo mostra duas crianças do lado de fora de uma loja, sentadas no chão, e na vitrine das lojas estava um aparelho televisor ligado passando desenho.

As crianças que moram na rua e não têm acesso a uma televisão estavam assistindo e a legenda é “VEJA: Gerente de loja deixa crianças de rua assistem a desenhos animados em sua loja e viraliza pelo gesto lindo.” quem publicou foi uma página de notícias, por isso o “VEJA” no início, o intuito é chamar a atenção e depois romantiza a pobreza, citando que o gerente realizou um gesto lindo que foi deixar as crianças de rua assistirem.

Para Mota (2019, p.42), “as diferenças de privilégios, de acesso ao conhecimento, os desequilíbrios de poderes, minam as chances de realização humana, do exercício de dignidade.” Assim, a Postagem 4 silencia o fato de as crianças não terem casa, estarem sozinhas, desprotegidas, e o foco seria um bom cidadão que permitiu que as crianças vissem da calçada o desenho animado. Para a sociedade o normal é que o gerente expulsasse as crianças, elas não poderiam, mesmo da calçada ver a televisão, como ele permitiu, o vídeo viralizou e viram que houve um gesto lindo. Tendo em vista esse acontecimento, nota-se a naturalização da extrema pobreza, está enraizado na sociedade, pois ao normalizar ver duas crianças sozinha na calçada, a página que compartilhou esse vídeo sabe que o engajamento vem com a romantização, se fosse problematizar não chocava e não chamava atenção, porque é tido como normal.



Fonte: *Twitter* (2022).

O *tweet* da Postagem 5 traz um *print* de uma notícia publicada pela Folha de S. Paulo. Nos moldes de Foucault (2008), o enunciado deve ser compreendido na estreiteza da existência, ou seja, buscar como surgiu e as condições de possibilidade que permitiram a sua emergência. Diante disso, podemos notar que quem compartilhou a notícia foi o perfil *Coletivo em Defesa da Vida*, que no perfil é destacado que o propósito da página é criticar o cenário da saúde no Brasil, entende-se que o perfil que compartilha o print da notícia usa a ferramenta para criticar situações que os brasileiros passam, tendo como intuito, como o próprio nome da página diz, fazer críticas “em Defesa da Vida”.

E a notícia publicada pela Folha de São Paulo traz o seguinte enunciado: ‘Vou passar dormindo’: Famílias abrem mão da ceia de natal. A característica principal é a notícia citar que as famílias estão abrindo mão da ceia, quando se escreve “abrir mão” entende-se que é por vontade própria, como uma escolha, a contrapartida é que não houve escolha dessas famílias, a afirmação não condiz com a realidade.

Ainda na Postagem 5 o enunciado menciona “Dormir por não ter ceia no Natal é opção para pobre”, dormir não era opção, dormir era a única opção, a matéria traz também uma imagem com uma senhora arrumando uma árvore de natal em uma casa humilde, parede sem o reboco e na parede tinha um buraco. Entende-se que todos os elementos, verbais e não verbais, corroboram uma situação que não encontra respaldo na realidade concreta e quem consome esse discurso de forma cotidiana muitas vezes não percebe como está intrínseca essa naturalização.

Na Postagem 1, Postagem 2 e Postagem 5, ocorre uma *resposta* e uma crítica a essas notícias, foi colocado prints dessas publicações e o usuário do perfil está criticando a romantização da pobreza. Veja, na Postagem 5 a página responsável pelo twitter foi a “Coletivo em Defesa da Vida”, uma página que critica publicações que distorcem a realidade e na legenda da Postagem 5 está o seguinte enunciado: “*Prezada @folha. NENHUMA FAMÍLIA pobre está "abrindo mão" de ceia de Natal não... Na verdade, elas estão IMPOSSIBILITADAS de ter uma ceia. Pelo amor de Deus!*”. A página critica a problemática do discurso da notícia. Se existisse políticas públicas eficazes para suprir a necessidade da população, as pessoas teriam ceia de Natal. O discurso da Folha de S. Paulo colabora diretamente nessa ideia de normalização da carência e favorece a disseminação de tal representação.

Figura 6: Postagem 6



Youtuber Karen Bachini é criticada por romantizar pobreza e humilhar ex-funcionária #TerraBrasil #KarenBachini #Youtuber #Maquiagem #Maquiadora #Ismeiow



3.014 visualizações

20:47 · 30 nov. 22

Fonte: *Twitter* (2022).

Na Postagem 6, o perfil @Terra publicou um vídeo de falas da *youtuber* Karen Bachini que repercutiram nas redes sociais pois ela citava que “Pra mim, quem faz o maior trabalho, que é mais difícil, que eu já vi até hoje, é modelo”. Ela também disse “[...] e você pode achar que não, que o cara da lavoura sofre mais, mas o cara da lavoura, ele tem o horário dele, ele vai para casa feliz [...]”. Mediante isso, o discurso foi criticado nas redes sociais, houve um cancelamento da *youtuber* por esses discursos expressos no podcasts que ela foi entrevistada. Ela resume que o trabalho mais difícil é ser modelo, mas Foucault pontua: “Sabe-se que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar qualquer coisa.” (FOUCAULT, 2012, p. 9). Quando no discurso de Karen Bachini, ela fala das pessoas da lavoura, não detém o direito privilegiado para proferir esses discursos sobre o trabalho das pessoas da lavoura, mas o seu discurso evidencia como é o retrato do Brasil, em meio a discussões da pobreza, qual a visão que pessoas podem ter sobre quem trabalha na roça, no sol, pessoas que para ter o feijão no prato e garantir o sustento da família precisa limpar e arar a terra, depois plantar, regar e colher.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, tivemos como objetivo analisar como ocorre o processo de romantização da pobreza em tweets publicados a partir do ano de 2020. Por meio desses *tweets*, é possível

ponderar como a desigualdade social é vista na sociedade, analisando e descrevendo as estratégias discursivas das pessoas que publicam sobre a temática, em relação a pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade econômica. Os *tweets* analisados trazem posicionamentos diferentes, parte se posiciona contra a romantização da pobreza e parte tenta demonstrar neutralidade sobre a temática, consequentemente, acabam agindo como se não estivesse havendo a romantização da pobreza.

As análises tomaram como proposta a problematização dos enunciados e discursos que circulam no *Twitter*, discursos que atingem o corpo pobre que foi ainda mais impactado com o momento de pandemia que atingiu a economia do país, pois a Covid-19 acentuou mais a situação de vulnerabilidade econômica das pessoas que estão na camada social inferior, isto é, em estado de carência. Entendendo também que historicamente essa parcela da população já foi oprimida e esses discursos que são compartilhados nas mídias digitais corroboram que a desigualdade social e a miséria se perpetuem, resultando ainda mais no apagamento social dessas pessoas. Ariano Suassuna (2005, seção 8) escreveu sobre a realidade da pobreza em uma de suas peças e citou: "Meu senhor, é tanta qualidade que exigem para dar emprego que eu não conheço um patrão com condições de ser empregado." O dramaturgo remete às dificuldades que existem para a parte pobre da sociedade que acaba tendo que se sujeitar às imposições da classe superior para conseguir o mínimo, que é um emprego para viver dignamente.

Diante do exposto, nossa pesquisa se faz importante pois conhecer a realidade das pessoas que estão à margem da sociedade e discutir os processos que ocasionam a desigualdade social são questões que devem estar em domínio público, por isso a importância de ampliar os espaços que dêem a oportunidade para essas discussões. Analisando os discursos que romantizam a pobreza, podemos concluir que ainda há um longo caminho a ser percorrido com vistas a reduzir as injustiças sociais e promover a equidade e plena cidadania no Brasil, mas problematizar a força performativa dos discursos que buscam minimizar essa chaga social já é um bom começo.

6 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006.** Brasília: DF, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111346.htm. Acesso em: 24 janeiro 2023.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaios sobre a sociedade neoliberal. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

FONSECA, K. K. D. et al. Nível de pobreza e sintomas depressivos em mulheres mães. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 11411-11427, jan. 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/23990/19248>. Acesso em: 15 fevereiro 2023.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no College de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GUILHERME, R. C.; DOS REIS, C. N. Pobreza e proteção social na América Latina: as bases teóricas para a formulação de políticas públicas. In: GUIMARÃES, G. T.; MACIEL, A. L. S.; GERSHENSON. **Neoliberalismo e desigualdade social**: reflexões a partir do serviço social. Porto Alegre: Edipucrs, 2020. p. 71-88.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais : uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE. 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101979>. Acesso em: 27 de janeiro de 2023.

JESUS, C. M. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed - São Paulo: Ática, 2014.

MINAYO, M. C. S. (org.); DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOTA, J. M. N. **Elas entre desigualdade**: um estudo das representações sociais de adolescentes grávidas sobre a pobreza e o papel social da mulher. 100f. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Gaduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral, Curso de Psicologia, Sobral, 2019.

OLIVEIRA BARBOSA, Werena; LEITE, Jéssica Suellin Nogueira; SOUZA, Bertulino José. **A Romantização da Pobreza e o Papel Social da Mulher**: Um Estudo Sobre suas Representações, Revista FSA (Centro Universitário Santo Agostinho), v. 18, n. 9, p. 135-148, 2021.

SOUZA, Kátia Menezes. Biopolítica, discurso e controle da população pobre. **Moara**, Belém, v. 1, n. 57, p. 34-52, 2020.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. 35 ed. Rio de Janeiro: AGIR, 2005.

TEODORO, D. A. S. B. **Trabalhadoras coletoras de material reciclável**: o desafio de dar voz sem romantizar a pobreza. In: XII Encontro Regional Sudeste de História Oral. Alteridade em tempos de (in)certezas: escutas sensíveis, 2017. *Anais [...]*, Diamantina, 2017. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1-DyN79jmP5kYOuhQ1jphisVrPwFVXo_C/view. Acesso em: 10 de abril de 2023.